



O Ministério da Habitação, na W-3 Norte, será demolido e dará lugar a um novo prédio. A recessão econômica afetou a construção do Centro Comercial Bibabô, hoje apenas um esqueleto

Ruínas revelam face da crise em Brasília

Marilda Mascarenhas

A arquitetura futurista de Oscar Niemeyer é um símbolo da aventura da modernidade. Mas a cidade, que ainda não comemorou nem três décadas de vida, também já tem as suas ruínas. Em nenhuma delas, está escrita a história do passado de opulência colonial do País, mas pelo menos uma guarda um pouco das memórias em que o Brasil vivia 50 anos em cinco e se preparava para entrar definitivamente na era moderna. No Brasília Palace Hotel, que ruiu em cinzas em 1978, em um incêndio ainda hoje cercado de mistério, Juscelino Kubitschek recebeu seus convidados mais ilustres, comemorou a conquista da Copa do Mundo de 58 e viveu um pouco sua utopia de construir o País do futuro.

O Palace, que também foi testemunha de alguns fatos políticos da época de trevas que o País atravessou, não é, entretanto, a única ruína que a cidade utópica já produziu. Perto de seus escombros, nas proximidades das suntuosas residências oficiais, o sonho de construir um hotel com a beleza e o luxo do Caesar Park do Rio e de São Paulo acabou em um esqueleto de 12 andares de concreto. No início da década de 80, o recrudescimento da crise econômica não pouparia a construtora Guarantã, de propriedade de um dos sócios dos hotéis Caesar Park, e a obra ficou inacabada.

A recessão econômica também atingiu os construtores de Brasília e outros prédios, como o conjunto comercial Bibabô, ao lado do Vênâncio 2.000. O prazo de construção dado pela Terracap à construtora Vitoria Minas acabou, e a Companhia retomou o terreno da Bibabô através de uma ação judicial.

Em uma das áreas mais valorizadas de Brasília, o Setor Comercial Sul B, outra ruína foi incorporada à paisagem da cidade não por dificuldades financeiras, mas por problemas legais. Os irmãos Baracat ainda hoje tentam na Justiça conseguir autorização para concluir o Shopping Baracat, que foi embargado em fase de acabamento

por várias irregularidades, entre elas a não apresentação de alvará de construção e o comprometimento de área pública.

Enquanto a Justiça não decide se o prédio pode ou não ser concluído, o mito da cidade utópica vai se desmoronando ao mesmo tempo em que a cidade ganha novos esqueletos. O mais novo deles é o prédio onde funcionava o extinto Ministério da Habitação, que se transformou em cinzas em um incêndio ocorrido no ano passado, mas há outros, como um edifício abandonado no final da Asa Norte, de propriedade da Escola Superior de Guerra e outra fundação coberta pelo mato no Setor de Autarquias Norte, de propriedade do Instituto Brasileiro do Café.

Reconstrução

Mas se depender da disposição do Governo e de alguns construtores, a cidade pode perder a maior parte de suas ruínas em pouco tempo. O Grupo OK já começou a demolir o prédio da W-3 Norte, onde funcionava o MHU, para construir outro igual, e o presidente José Sarney ainda sonha repetir em seu Governo a hospitalidade de Juscelino, transformando a ruína do Palace na Casa de Hóspedes Oficial. O projeto de reconstrução do Palace já está pronto e o arquiteto Pedro Costa pretende reinaugurá-lo nos próximos seis meses. A obra vai custar NCz\$ 4 milhões, com direito a um andar inteiro para despachos oficiais.

Junto com a Casa de Hóspedes deve ser reerguido também o hotel luxuoso nas margens do Lago Paranoá. A empresa Novos Hotéis de Brasília Ltda., acaba de entrar em acordo com a Novacap, que lhe garante um prazo de mais 30 meses para conclusão da obra. A perspectiva de reconstrução do Hotel já preocupa pelo menos uma pessoa: o vigia Dogival Santos, que há sete anos é pago para ficar sentado, olhando o esqueleto. Dogival teme perder o emprego, mas alimenta também um sonho quase impossível: o de ter sua recompensa e se transformar no gerente do novo e luxuoso hotel.